



Artigo
Article

**A importância da afetividade no processo de ensino-
aprendizagem**

The importance of affectivity in the teaching-learning process

Monijany Lins de Góis¹

RESUMO: Quando valorizada, a afetividade dentro do processo de ensino-aprendizagem traz inúmeros benefícios aos seus agentes, já que as emoções implicam diretamente no caminho para o desenvolvimento cognitivo. Partindo dessa premissa, este artigo buscou compreender a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, viabilizando aos leitores maior entendimento acerca da afetividade e suas interfaces com a realidade pedagógica. Para isso, foi realizada uma pesquisa de revisão de literatura incluindo os principais autores da área, além de leis, a relação com a inteligência e as ferramentas empregadas nos processos de ensino-aprendizagem. Foi possível constatar que a afetividade ocupa lugar de destaque dentro do processo educacional e a maneira como ela acontece pode ser decisiva na concepção de mundo e de homem construída pelo aluno, assim como na sua reelaboração do conhecimento culturalmente organizado. **Palavras-chave:** Afetividade. Ensino-aprendizagem. Escola.

ABSTRACT: The affection within the teaching-learning process brings countless benefits to its agents when valued, their emotions directly imply on the path to development. This article sought to understand the importance of affectivity in the teaching-learning process, enabling readers to understand more about affectivity. For this, a literature review research was carried out including the main authors in the area, in addition to the laws, the relationship with intelligence and as a tool in the teaching-learning process. It was possible to verify that affectivity occupies a prominent place within the educational process and the way it happens can be decisive in the conception of the world and man constructed by the student, as well as in his re-elaboration of culturally organized knowledge. **Keywords:** Affectivity. Teaching-learning process. School.

¹ Graduada em Economia (UFCG). Mestra em Energias Renováveis (UFPB). Graduanda em Letras UFPB e Pós-graduanda em Docência para a Gestão Profissional e Tecnológica (IFPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4550-0469>. E-Mail: monijany.lins@cear.ufpb.br.

INTRODUÇÃO

Atualmente, tem-se falado cada vez mais sobre as causas e consequências da indisciplina, do pouco ou nenhum rendimento que gera a evasão de crianças e jovens, em todos os tipos de escola. A evasão é pautada geralmente no discente e na família, minimizando o papel do docente, do ambiente educacional e dos demais elementos que a influenciam direta ou indiretamente, que também apresentam culpa diante desses problemas.

Para tanto, este estudo se utilizará de algumas discussões acerca da afetividade a partir das teorias dos autores Henry Wallon, Jean Piaget e Vygotsky, com contribuições de outros autores que partilham as mesmas ideias, onde afirmam que tão importante quanto às metodologias de ensino usadas no cotidiano escolar é o espaço que o afeto ocupa na construção de saberes.

No âmbito educacional a afetividade pode favorecer para a construção de uma criança e da modificação desta criança em um adulto cauteloso, responsável, crítico, feliz, e este é o principal objetivo da afetividade na vida de uma criança, especificamente dentro do âmbito escolar. Neste trabalho, será apresentada nas obras educacionais e pedagógicas, fundamentação teórica sobre a afetividade no processo de aprendizagem, para sensibilizar os professores sobre a importância deste tema. E tentar superar as transformações que o mundo vem atravessando e que terminam nos afastando cada vez mais da nossa essência de ser humano que é baseada no amor.

A importância da compatibilidade entre docente e discente precisa ser vista como um ponto primordial para o desenvolvimento do aluno. A mesma não pode ser vista como uma simples transmissão de conhecimento, onde o professor ensina e o aluno aprende, mas sim como uma troca de conhecimentos, onde o professor se destaca no papel do mediador. Essa relação é indispensável para o crescimento interno do aluno e deve estar alicerçada na confiança, no amor e no respeito (SILVA e NAVARRO, 2012). O presente artigo refere-se a uma revisão bibliográfica onde aborda os principais autores que tratam da afetividade no âmbito educacional. Seu objetivo baseia-se em compreender a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. A ideia é viabilizar aos leitores maior entendimento acerca da afetividade, sua importância na

educação de forma geral e as possibilidades na construção do conhecimento e do convívio em sociedade, além da influência que o docente exerce em relação ao discente por meio de tudo o que lhe é passado em sala de aula, quer com palavras, quer com atitudes.

Esta pesquisa versa desta forma em explicar a afetividade e a inteligência, a importância da afetividade na prática docente, a afetividade como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, a lei e a afetividade. Desse modo, estarão dispostas informações interessantes para que ocorra um bom conhecimento sobre a importância da afetividade na educação e no processo de ensino-aprendizagem.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Faz-se necessário entender o sentido de afetividade inicialmente, para isso, tem-se que o entendimento de afeto é amplo, e torna-se necessário que haja uma incursão aos domínios da Filosofia, História, Psicanálise e da Literatura. Afetividade conforme disposta no Minidicionário Luft (2010) é a qualidade de afetivo, sentimento; afeição profunda, o objeto dessa afeição, zelo, cuidado. A palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e é o elemento básico da afetividade.

Já no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, a palavra afetividade é designada como sendo o conjunto de atos como bondade, devoção, inclinação bondade, inclinação, proteção, gratidão, apego, em suma, caracteriza-se sob a preocupação de um indivíduo por outro, tendo apreço por ele, cuidando dele, assim, e o significado está ligado efetivamente aos cuidados ou a preocupação (ABBAGNANO, 1998). A afetividade pode-se ser definida como a capacidade, disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis (ALMEIDA E MAHONEY, 2007). Enquanto Dantas (1992) conceitua afetividade como os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. A afetividade pode bem ser conceituada como uma das formas de amor.

Enquanto no Dicionário Técnico de Psicologia (1996), afetividade é utilizada para identificar os afetos, bem como os sentimentos ligeiros, logo, o afeto é conhecido como a emoção do indivíduo ligada a ideias. No âmbito educacional, é típico que os docentes executem o processo de aprendizagem fracionando a criança em duas vertentes: o lado

cognitivo e o lado afetivo, embora essa afirmação seja um dos principais equívocos reais em algumas proposituras do âmbito educacional atualmente. Ao trabalhar dessa forma, viabiliza uma prática pedagógica insensível, desumana e fundamentada apenas no ensino das matérias escolares clássicas. Advinda da Filosofia, esta teoria, acredita que somente o pensar gera atitudes racionais e inteligentes, promovendo o pensar científico e lógico-matemático. Já o sentir é inútil, não gera nenhum tipo de conhecimento e podem provocar ações irracionais.

De acordo com Morin, a razão é conceituada de tal modo que:

A racionalidade é a melhor proteção contra o erro e a ilusão. Por um lado, existe a racionalidade construtiva que elabora teorias coerentes, verificando o caráter lógico da organização teórica, a compatibilidade entre as ideias que compõem a teoria, a concordância entre suas asserções e os dados empíricos aos quais se aplica. Mas a racionalidade traz também em seu seio uma possibilidade de erro e ilusão quando se perverte. A racionalização se crê racional porque constitui um sistema lógico perfeito, fundamentado na dedução ou na indução, mas fundamenta-se em bases mutiladas ou falsas e nega-se à contestação de argumentos e à verificação empírica (MORIN, 2000).

A afetividade antecede à inteligência e está diretamente ligada às emoções e a construção de um ser humano sadio. Podemos considerar que a afetividade é tudo aquilo que afeta, negativa ou positivamente a vida do ser humano, e para que a inteligência se manifeste, é importante nutrir a criança de afeto, tendo sempre a consciência de que a afetividade a qual nos referimos não é somente abraçar e beijar, isto faz parte da prática afetiva, mas dar voz e vez a esta criança (Wallon, 2008). Saltini (2008) afirma em seus estudos que a criança espera e necessita ser amada, aceita, acolhida, ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. Está estritamente ligado a afetividade o processo de aprendizado, e isso nos acompanha desde o nosso nascimento. Sendo essas as necessidades que precisam ser supridas nas crianças para que haja um bom desenvolvimento emocional, psicossocial e até mesmo físico, algo precisa ser feito para que elas tenham prazer em estar em um ambiente que lhes traga segurança e alegria.

Em relação as crianças, ao saírem do conforto familiar, do seu local de convívio social, cheio de novas descobertas e contato com novas crianças e adultos necessita de maior atenção e cuidados. Ao observar esse contexto, percebe-se que a sensibilidade do professor ao acolher esta criança, a forma que conduzirá o seu processo de

ensino/aprendizagem, e a concepção que ele traz sobre “educação” será muito significativo para a construção do universo desta criança.

AFETIVIDADE E INTELIGÊNCIA

Enquanto distintas, a palavra afetividade e inteligência, as mesmas são inseparáveis no quesito de execução do projeto de ensino aprendizagem. O processo de adquirir de cada criança se manifesta de maneira direta sobre a outra de forma definitiva. Segundo Dantas (1992), a afetividade está ligada para propiciar crescimento de conquistas alcançadas no plano da inteligência. Torna-se primordial que a criança observe e que se utilize desta vibração que a afetividade emana para descobrir o novo. Ao se referir à curiosidade e ao interesse, Wallon diz:

A escola não deve esperar que as crianças façam tudo o que querem, mas que elas queiram tudo o que fazem e que ajam e não sejam forçadas à ação. O que se deve fazer é explorar seus interesses, ligar a eles, isto é, à sua vida o que se deseja ensinar. A didática deve transformar os fins futuros a que visam os programas escolares em interesses presentes para a criança (WALLON, 1954).

O professor de maneira geral opera um papel fundamental no processo de desenvolvimento do seu discente. A afetividade nem sempre é constatada através de expressões físicas, mas através da preparação integral desta criança para o convívio em sociedade, tornando-a crítica, responsável, autônoma e consciente. O olhar frágil do docente faz com que o mesmo seja qualificado para interagir com a criança obedecendo a seus níveis de desenvolvimento, possuindo a compreensão de que cada uma delas apresenta uma capacidade diferente e a expande de maneira diferenciada em tempos distintos.

A escola não deve ser só um lugar onde aconteça a aprendizagem intelectual, mas um ambiente no qual se fale de amizade, da importância do grupo e de questões afetivas. Desse modo, os momentos de afetividade vividos na escola são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de aprender (CAPELATTO, 2002). Pelas discussões que se sustentam acerca deste tema, a afetividade é realmente um aspecto importante no processo de aprendizagem em todas as esferas e estruturas de ensino, porque fundamenta a relação entre o docente e o discente. Ela não deve ser pensada

como o único meio de atingir a aprendizagem, mas deve ser considerada como um dos elementos influenciadores do processo de ensino e aprendizagem. Mediante de todos os pressupostos teóricos mencionados nesse trabalho acerca da importância da afetividade, percebe-se que ela é essencial não só na relação professor-aluno, mas também como uma estratégia de ensino em suas práticas pedagógicas. Um professor afetivo faz toda a diferença na sala de aula em todas as modalidades de ensino, pois através da afetividade o aluno poderá ser motivado a construir o seu conhecimento.

Saltini (2008) relata em seus estudos que o aspecto afetivo tem um imenso poder sobre o desenvolvimento intelectual, podendo acelerar ou diminuir esse processo de desenvolvimento. É importante acrescentar que os docentes e discentes se desenvolvem através de relacionamento, afetividade e solidificação do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento educacional. Essa conectividade tem como centro a confiança, e as crianças são instigadas a apresentar seus sentimentos e expressá-los de forma oral e escrita, sendo esta relação docente/discente utilizada como meio para o desenvolvimento intelectual, promovendo aprendizado constante e aprimorando o vínculo e as relações. Para Saltini (2008):

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e coloca-las ao serviço de sua própria vida (SALTINI, 2008).

No cotidiano, o discente passa por várias influências que vão ter reprodução, negativas ou positivas, em seu afazer escolar. Ao acrescentar a afetividade neste âmbito, criam-se meios para que o discente consiga alcançar os seus melhores resultados e aprender cada vez mais e com maior facilidade (PILETTI, 1988). O professor torna-se o modelo da criança, a exemplo dos anos iniciais, a afetividade é muito mais considerável para o desenvolvimento educacional com fundamento no enriquecimento de vínculos, sendo a brincadeira uma das condições mais eficientes para a conquista dos resultados.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

A afetividade tem um papel importante, pois impulsiona o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos e instaura vínculos imediatos com o meio social. Desta forma se abstrai deste meio, o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. É visível que há nas relações humanas algo a mais do que simplesmente estar em grupo, é o convívio em grupo em que existe renúncia de um favor do outro e isso se pode dizer que é afetividade.

Conforme Silva e Schneider (2007), a afetividade é um tema que vem sendo muito debatido nos meios educacionais, bem como fora dele. No âmbito escolar há uma congruência entre os professores com fundamento nas principais teorias do desenvolvimento, sobre a importância da qualidade das primeiras relações afetivas da criança. A afetividade auxilia diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo, bem como na socialização, nas interações humanas e finaliza na aprendizagem. Destacam ainda, que a afetividade é um elemento essencial nas relações humanas e esta na vida escolar, por exemplo, na relação docente/discente, contribuindo na construção cognitiva, no desenvolvimento da inteligência emocional e, por fim no processo de avaliação da aprendizagem.

Conforme Ranghetti (1999) seus estudos relatam que na ação de educar, a afetividade é o pigmento que regula a intensidade e a profundidade das ações dos sujeitos no processo educativo. Ela dá o brilho à relação pedagógica, desencadeando o convívio da razão com a emoção num movimento de vida. No livro de Marchand (1985) são apresentadas duas pesquisas realizadas em seus estudos, com os seguintes resultados:

Pouco importa o aspecto físico de um professor. O que eu desejaria nele é, principalmente, um esforço de aproximação com os alunos. Um professor que exponha suas opiniões, mas que não deixe de examinar as dos alunos. Que se coloque no nível dos alunos nas suas explicações. Rigoroso, se for preciso, quanto à disciplina.

Já em outro caso, o mesmo declara:

Desejaria um professor que fosse, antes de tudo, simpático, e que não se importasse quando um aluno não pudesse responder a uma de suas perguntas, um professor que soubesse conquistar a estima e a afeição divertindo-se, moderadamente, aliás, com os alunos, que tentasse se colocar no lugar deles, que não exibisse seus conhecimentos. Em suma, um verdadeiro colega a quem deveríamos muito respeito.

Observa-se que o afeto faz referência a qualquer espécie de sentimento ou emoção associada a ideias ou complexos de ideias. O âmbito educacional e os discentes experimentam diversos afetos, desde o prazer em conseguir realizar uma atividade à raiva de discutir com os colegas. Logo, o desenvolvimento afetivo depende de alguns fatores, entre eles estão a qualidade dos estímulos do ambiente para que sejam satisfeitas as necessidades fundamentais de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina e comunicação, pois são nessas situações que o ser humano estabelece vínculos com as pessoas.

A AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O dever que o indivíduo exerce no processo ensino-aprendizagem é indispensável e, desse modo, a qualidade das relações e a mediação são extremamente importantes nesse processo. Portanto, Tassoni (2000) reitera que:

São as experiências vivenciadas com outras pessoas que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos (TASSONI, 2000).

Ao dizer que são os indivíduos que colocam sentido afetivo aos objetos e que isso ecoa na qualidade da internalização do objeto, a autora afirma que são nas interações do cotidiano e na qualidade dessas relações que o discente será capaz de continuar com uma boa relação com o objeto, estabelecido como conhecimento, e que a afetividade facilitará o processo de internalização. Para a definição do termo internalização recorre-se à Vygotsky (1998). O autor esclarece que todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiramente, no nível social, e, logo em seguida no nível

individual; ocorre primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica).

Isto é, a criança adquire conhecimento no primeiro momento através do contato com seus mediadores, entre os indivíduos, e logo em seguida nos seus processos cognitivos, demonstrando o aprendizado relacionado ao conhecimento.

Os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica interativa da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou distanciamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer. Da mesma forma, a maneira como cada docente manifestava a sua relação com o objeto de conhecimento, e com a própria docência, produzia sentimentos que aproximavam ou afastavam os alunos do objeto de conhecimento. (TASSONI, 2000).

Observa-se que, então, há relevância do convívio social na aquisição de saberes. Desse modo, levanta-se a referente questão: como a qualidade das relações sociais influencia na aprendizagem do aluno? A mediação realizada pelo docente no desenvolvimento das práticas pedagógicas precisa externar sentimentos de simpatia, valorização do outro, acolhimento, aceitação, apreciação e respeito, desse modo, estes sentimentos influenciam a relação da criança com o objeto de conhecimento e reflete na autoimagem, favorece a autonomia e enriquece a confiança e sua capacidade de decisão (LEITE; TASSONI, 2002).

A afetividade apresenta natureza subjetiva, e sabendo disso, as experiências vivenciadas conferem a ela uma relação com o meio sociocultural, tornando a capacidade das relações a grande responsável pela internalização do objeto de conhecimento. Leite e Tassoni (2002) afirmam após pesquisas realizadas, que:

Evidenciaram-se sentimentos de compreensão, aceitação e valorização do outro. Nesse sentido, pôde-se concluir que as experiências vivenciadas em sala de aula propiciaram trocas afetivas positivas que não só marcaram positivamente o objeto de conhecimento, como também favoreceram a autonomia e fortaleceram a confiança dos alunos em suas capacidades e decisões (LEITE E TASSONI, 2002).

Assim é possível identificar que a presença eficaz da afetividade na sala de aula resulta em aspectos positivos na relação aluno-objeto de conhecimento: Na verdade, desenvolvimentos afetivo e cognitivo são indissociáveis e constituem uma única

realidade – o desenvolvimento do indivíduo. Ambas as dimensões se influenciam contínua e mutuamente (TASSONI, 2000, p. 150). A autora sustenta que no âmbito educacional a linguagem oral e as posturas corporais são interligadas entre si e que os próprios alunos elogiam a postura do professor, afirmando que essas ações geram um maior envolvimento por parte deles. À frente desse panorama tem-se:

É possível defender que há uma sensibilidade, por parte dos alunos em relação ao tipo de mediação feita pelo professor, que revela a forma como eles são afetados, provocando diferentes sentimentos que influenciam o processo ensino-aprendizagem, interferem na relação com os conteúdos e na visão que cada aluno tem de si mesmo (TASSONI, 2000, p. 164).

O discente é competente a ponto de identificar a ação afetiva e sua relação com o trabalho pedagógico e logo essa relação atua na aprendizagem do aluno, melhorando até sua autoestima e autoconfiança. Desse modo, o aluno será capaz de sentir o conteúdo, estabelecer uma relação de aliança com ele, assim a aprendizagem será efetiva e significativa. Tassoni (2000) ainda aborda em seu estudo que no momento em que é revelado que o desenvolvimento do conhecimento é social, as relações se dirigem para o centro e os processos de aprendizagem se transformam em fundamentais. O vínculo entre as docentes e os educandos exposto no estudo revelou a afetividade como papel presente no desenvolvimento do conhecimento. As relações nas aulas estão repletas de carinho estabelecendo mudanças afetivas.

É possível verificar-se através das considerações pontuadas a relevância da função do docente para a internalização dos saberes e que as interações são necessárias para o desenvolvimento do aluno. O êxito na aprendizagem do discente será mostrado através da qualidade das relações que permeiam o contexto da sala de aula e a mediação efetuada pelo docente influencia o processo ensino-aprendizagem.

Ao levar em conta a importância das relações afetivas no contexto da sala de aula, considera-se necessária a exploração da participação da família no âmbito educacional e observar como essa participação influencia na aprendizagem do discente. Tassoni e Leite, apoiados por Vygotsky apontam que:

Considerando o professor um dos mediadores na sala de aula, suas ações têm por objetivo a aprendizagem do aluno. Nessas ações mediadoras, o aluno entra em contato com modos de pensar, agir e sentir em relação ao conhecimento envolvido e a situação em si. Nessa dinâmica, a forma como o aluno significa a ação do professor revela uma atitude afetiva (TASSONI E LEITE, 2011).

A afetividade é, portanto, um estado psicológico que desempenha um papel importante no desenvolvimento do sujeito e que é responsável pelas suas relações sociais. A afetividade é essencial para a construção das informações cognitivo-afetivas e terão consequências nas relações entre professor-aluno.

A LEI E A AFETIVIDADE

A dimensão afetiva deve estar inserida na aprendizagem escolar e nos seus relacionamentos, pois além de ser algo importantíssimo para que aprendizagem ocorra, também é direito dos alunos. As diretrizes concernentes à formação dos professores (BRASIL, 1999, p. 25) assinalam que uma educação de "qualidade" deve desenvolver, nos aprendizes, diferentes capacidades: "cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal".

Já os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, p. 46) apontam a importância de: "relações interpessoais, cognitivas, afetivas e éticas para que o aluno possa dialogar de maneira adequada com a comunidade, e aprenda a respeitar e a ser respeitado, a escutar e ser escutado, a reivindicar seus direitos e a cumprir seus deveres".

O afeto, como Princípio Constitucional, também é inerente ao dever familiar e é consequência normativa antes mesmo de ser moral, posto que é abordado intrinsecamente em normas garantistas da Carta Magna.

Na Carta Magna Brasileira, artigo 227, de onde pode se extrair os deveres que tem a sociedade, o Estado e a família com a formação integral da criança e do adolescente, apura-se que somente através dos vínculos afetivos é possível cumprir os requisitos da nova ordem jurídica familiar. A educação dada com amor e de forma prazerosa cumpre o princípio da dignidade humana e da paternidade responsável, ofertando qualidade de vida.

No artigo 229, a Constituição Federal, visando a proteção da criança reforça o dever que tem o pai de assistir, criar e educar os filhos menores, posto que estes necessitam da proteção moral, psicológica, intelectual e social de um adulto. A fase infantil é muito importante para o processo de descobrimento e evolução que tem a criança, portanto o encaminhamento nesta fase é importante para o sucesso de suas qualidades e características futuras. Os artigos 3º e 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, admitindo a condição de desenvolvimento da criança, reforçam os Princípios Constitucionais capazes de dar os aportes: moral, físico, psicológico, mental e social, suficientes para a transposição digna desta fase até a vida adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente o presente artigo buscou compreender a importância da afetividade, dentro da sala de aula, na apreensão do conhecimento pelo discente com dificuldade de aprendizagem, levando em consideração a relação que se estabelece entre docente e discente e entre aluno e objeto de conhecimento. Com a realização deste estudo, conclui-se que a afetividade presente nas relações professor-aluno e aluno-conhecimento, segundo os autores pesquisados, pode implicar na aprendizagem do aluno de duas maneiras: a primeira, de modo a despertar seu interesse, a motivá-lo a estudar, a facilitar a compreensão das tarefas, enquanto a segunda maneira, que tristemente dizemos que foi a mais observada, é aquela em que o professor, como detentor do saber, “joga” os conteúdos para os alunos, sem se preocupar com a aprendizagem destes.

De acordo com as pesquisas realizadas é possível afirmar que a prática pedagógica é eficaz quando o aprendizado é envolto de afeto, alegria, e gosta-se do que faz, isso tanto no processo de ensinar como de aprender ou no ensinar. Na Educação Infantil esses elementos são fundamentais no âmbito escolar e no convívio do dia a dia, viabilizando a criança a explorar, se expressar, levando em consideração suas opiniões e ideias. A afetividade é necessária para todas as crianças, isso independe do local ao qual a mesma está inserida, sendo no ambiente familiar ou com as pessoas que convivem no meio educacional; logo, essas conexões afetivas favorecerão para o seu desenvolvimento e para a construção da aprendizagem.

É necessário destacar um aspecto muito importante, que se refere ao entendimento entre a relação de afetividade e aprendizagem, pois em diferentes estudos os autores não tratam claramente essa relação, embora contribuam com informações e demonstrações que evidenciam a interdependência desses aspectos na estrutura educacional e fora dela. Ainda existem algumas contribuições a serem feitas e novos estudos devem ser iniciados. A partir dessas ideias, é possível visualizar a construção de uma escola efetivamente democrática, que possibilite aos alunos apropriarem-se com sucesso do conhecimento considerado essencial para o pleno exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia.** Tradução Alfredo Bosi. 21^a ed São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, L. R. de. MAHONEY, A. A.. **A dimensão afetiva e o processo de ensinoaprendizagem.** In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de e MAHONEY, Abigail Alvarenga (Orgs.). Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.** 1997. Brasília, MEC/SEF.

CAPELATTO, I. R. **Educação com afeto.** São Paulo: Fundação Educar Dpaschoal, 2002.

DANTAS, H. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon.** In LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais.** São Paulo: Ática, 1978.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. **Afetividade em sala de aula: as condições do ensino e a mediação do professor.** In: R. G. Azzi & A. M. F. A. Sadalla (Orgs.), Psicologia e Formação Docente: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LUFT, Celso. **Minidicionário Luft.** São Paulo: Editora Ática, 2010.

MARCHAND, M. **A afetividade do educador.** Trad. Maria Lúcia Hldorf Barbanti e Antonieta Barini; direção da coleção Fanny Abramovich – São Paulo: Summus, 1985.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 2ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2000.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional.** São Paulo: Ática, 1988.

RANGHETTI, D. S. **O conceito da afetividade numa educação interdisciplinar.** 1999. 116 f. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência:** a emoção na educação. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2008. v. 01.

SILVA, O. G.; NAVARRO E. C. A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar,** nº 8, v.3, p.95-100,2012.

SILVA, J. B. C.; SCHNEIDER, E. J. Aspectos socioafetivos do processo de ensino e aprendizagem. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG.** v. 3, n. 11 – jul-dez/2007 – ISSN 1807-2836

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23., 2000, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2000a. Disponível em: < <http://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/conteudo8232.PDF>> Acesso em: 10 mar. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. Os meios, os grupos e a psicogênese da criança. In M.J.G. Werebe e J. Nadel-Brulfert (Orgs.). **Henri Wallon.** São Paulo: Ática, 1986.

WALLON, Henri. Ciclo da Aprendizagem: **Revista Escola,** ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.